

IBERO-AMÉRICA EGÍPCIA

Egypt in Latin America

Margaret M. Bakos*

Ana Paula A. L. de Jesus**

Karine Lima da Costa**

RESUMO

O trabalho examina as apropriações de traços da cultura do Egito Antigo, localizadas no mobiliário urbano de oito países de fala espanhola e portuguesa na América do Sul e nas antigas metrópoles, compreendendo achados que vão de monumentos a textos publicitários e de humor. Esses achados compõem um banco de dados estruturado no desenvolvimento de projeto de pesquisa, que contou com o apoio do CNPq, cujos resultados e perspectivas estão sendo questionados e complementados.

Palavras-chave: Egito Antigo no novo continente; Egipomania; História e cotidiano.

ABSTRACT

This article examines the appropriation of some cultural symbols of Ancient Egypt existing in the urban context of eight spanish-speaking and portuguese-speaking countries in South America, as well as in the countries of their settlers, ranging from monuments to advertisement and humoristic texts. Those examples are part of a data bank built during the development of a research project, sponsored by CNPq (Brazilian Research Council), whose results and perspectives are still questioned and not yet complete.

Key-words: Ancient Egypt in America; Egyptomania; History and daily life.

* Profº. Drº. do Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS).

** Acadêmicas do Curso de História, PUC/RS e bolsistas do programa PIBIC-PUC/RS e FAPERGS.

Considerações introdutórias

Monumental e imponente, o obelisco de Buenos Aires, construído em 1936, com seus sessenta metros de altura, tornou-se, juntamente com o tango, um símbolo da capital portenha e da própria Argentina. Mais que uma postura precisa e passo estável, o tango, criado no século XIX, sabidamente resulta da fusão entre a música européia, a africana e a gaúcha. Poucos, não obstante, têm conhecimento da história do obelisco portenho que, como a baila, resulta de um processo de hibridação cultural.

Os três monumentos da história egípcia que mais freqüentemente servem de referência à construção de textos-ícones da *egiptomania* foram criados por volta de 2800 a.C., quando o primeiro faraó Djoser, da III dinastia, inaugurou o antigo império, no qual se constituiu, dos pontos de vista estético, socioeconômico, político e religioso, um conjunto de elementos e instituições bastante representativos da civilização egípcia, com destaque ao caráter divino do poder faraônico. Nessa fase áurea, deu-se início à execução de um projeto arquitetônico, que levou à criação das pirâmides de Gizé, da esfinge de Quefrém e dos obeliscos; desenvolveu-se, também, a mais bela de todas as escritas – a hieroglífica; cultivaram-se rituais mortuários magníficos, originando mitos fundados na hibridização entre o humano e o divino, a fauna e a flora. Eram imagens que, de tão fortes e presentes no cotidiano egípcio, passaram a expressar uma segunda natureza egípcia – original, fascinante e mágica, tanto que perdura no tempo, sendo objeto de apropriação pelas demais culturas, em âmbito planetário¹.

Esse fascínio e sedução pelos ícones da cultura egípcia chegaram ao novo mundo, trazidos não só pelos europeus como também pelos africanos, que para cá vieram obrigados, na condição de escravos. Visitando a rota dos navegadores, dos seus inícios – as colunas de Hércules –, entre a Península Ibérica e a África, até o Ushuaia, ao sul da Argentina, a chamada *terra do fim do novo mundo*, vai-se desenrolando a meada que dá conta da presença egípcia em outros continentes, entrelaçando, ao longo dos sécu-

¹ HUMBERT, J-M.; PANTAZZI, M.; ZIEGLER, C. Egyptomania: egypt in western art, 1730-1930. In: RÉUNION DES MUSÉES NATIONAUX/NATIONAL GALLERY OF CANADA. Paris, Ottawa, 1994.

los, culturas, a partir, principalmente, da conquista do Egito pelos macedônios, em 332 a.C.

Na modernidade, muitos desses ícones egípcios originais foram retirados do Egito, fazendo parte hoje, principalmente, do acervo de museus europeus e em coleções particulares. Ao longo dos anos, imagens desses símbolos foram sendo reproduzidas em diversos outros locais², empregando, para a sua construção/expressão, materiais inusitados, aplicados, muitas vezes, a suportes inimagináveis, que vão de impressos, como livros, jornais e revistas, a *outdoors*, filmes, vídeos, programas televisuais, textos de internet, circulando pelos cinco continentes. Há ainda que salientar as diferentes funções que essas apropriações desempenham no interior dos textos que as veiculam: trata-se de publicidades, de marcas identitárias de produtos e/ou serviços, de homenagens a mitos e heróis populares, de comemorações a datas significativas, entre outros.

O primeiro levantamento sobre o uso de elementos do antigo Egito em publicidades brasileiras arrolou um extraordinário número de ocorrências do emprego do signo verbal ou da imagem de uma pirâmide. À guisa de exemplo de *egiptomania*, cita-se a empresa cuja razão social é *Pirâmide Empreendimentos Imobiliários Ltda.*, fundada em 1987, com sede em Porto Alegre/RS.

Do que foi dito, pode-se constatar que, de há muito, as criações faraônicas estão na moda em todo o mundo e, no continente americano, qualquer tipo de notícia sobre elas vem causando, desde longa data, comoção popular, como se pôde ver por ocasião do transporte, em 1880, para os Estados Unidos, de um obelisco faraônico, hoje localizado no Central Park, em Nova Iorque, ou pelas repercussões, no Brasil, do encontro da tumba intacta de Tutankhamon, em 1922, a partir de pesquisas realizadas pelo arqueólogo Howard Carter, sob as expensas de um milionário inglês – Lord Carnavon. Sem dúvida, foram feitos como esses que inspiraram a criação da *Sala egípcia*, na Biblioteca Estadual do Rio Grande do Sul³, tema escolhido

2 BAKOS, Margaret Marchiori. Egyptianizing motifs in architecture and art in Brazil. In.: HUMBERT, Jean-Marcel; PRICE, Clifford (Orgs.). *Imhotep today: egyptianizing architecture*. London: University College, 2003, p. 231-245. v. 8.

3 BAKOS, Margaret Marchiori. Um olhar sobre o antigo Egito no novo mundo: a biblioteca pública do Estado do Rio Grande do Sul, 1922. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre: PUC/RS, v. 2, n. 27, p. 153-172, 2001.

pelo seu diretor e também autor de uma poesia dedicada à esfinge egípcia, gravada no sóculo de uma imagem do ícone egípcio, produções que colocaram a capital gaúcha na crista da *onda egiptológica* internacional.

Mas, a grande questão é, sem dúvida, como entender esse permanente entusiasmo pelos ícones do antigo Egito e como recuperar a gênese de casos pontuais, como o que já foi referido de ínicio – obelisco de Buenos Aires.

Pontuações teórico-metodológicas

A percepção dessas apropriações de ícones do Egito em locais tão distantes, pode causar surpresa, devido não só ao inusitado da utilização dessas imagens tão fora de seu contexto originário, como também à constatação do desconhecimento, por parte de muitos utentes, do significado dessas construções, consagradas como os primeiros suportes materiais da história escrita. Esse é o caso do visitante que, em busca de traços da história e da cultura peruana, encontra, no aeroporto de Cusco, situado no alto da cordilheira dos Andes, um obelisco, que, além de ser um monumento sem vínculos com a cultura local, ainda apresenta uma inovação extraordinária: o monólito tem duas asas!

De imediato, o turista pergunta-se sobre as questões que motivaram essa criação exótica. Uma rápida pesquisa permite com que tome conhecimento de que as asas homenageiam o herói nacional da aviação peruana, Alejandro Velazco Astete, morto de forma trágica e estóica ao aterrissar na cidade de Puno, ao norte do Peru, depois de fazer a primeira travessia aérea da cordilheira andina. Na realidade, o que o visitante está vendo é muito mais que um simples obelisco: trata-se de uma prática de *egiptomania*, que tem objetivos e contexto peculiares, historicamente compreensíveis, consistindo na apropriação e reutilização, meio à revelia, de elementos da gramática de ornamentos do antigo Egito, de tal forma com que lhes sejam atribuídos novos significados.

Mas é de se questionar como se dá essa transposição do uso de um monumento, na origem criado para guardar a memória dos faraós, à



IMAGEM 1 - Obelisco alado de Cusco

condição de guardião da memória dos feitos de um herói nacional e de marco de fundação da capital de dois países sul-americanos.

A manifestação do interesse pelo Egito antigo pode assumir três pontos de vista diversos: o da *egiptologia*, ciência que surgiu no século XIX, a partir da decifração dos hieróglifos por Champollion, dedicada ao estudo de tudo o que é relativa a essa antiga civilização, dando conta de um olhar acadêmico e rigoroso sobre os fenômenos advindos dessa cultura; o da *egiptofilia*, que consiste no gosto pela arquitetura, arte e textos egípcios ou que versam sobre eles, preocupando-se com o exotismo daquela sociedade e aspirando à posse desses objetos; e, finalmente, o da *egiptomania*, que consiste na reutilização, meio à revelia, de elementos de uma gramática

de ornamentos do antigo Egito, comportando uma vasta coleção de objetos e discursos decorrentes desse tipo de apropriação⁴.

A compreensão da distinção existente entre esses três conceitos possibilitou o entendimento do que hoje se propõe como objeto de estudo, pois concebe a *egiptomania* como uma prática de apropriação e transculturação que, pela sua representatividade, merece a atenção dos historiadores.

O conceito de transculturação, proposto por Fernando Ortiz (1940)⁵, deu seqüência à construção metodológica que fundamenta a análise que vem sendo realizada, pois ele aponta para as diferentes fases do processo transitivo entre uma cultura e outra. Não se trata somente da aquisição de traços de uma nova e distinta cultura, ou seja, uma aculturação. A transculturação é um processo mais complexo que implica, também e necessariamente, um desprendimento da cultura precedente, o que significa uma desculturação e, só então, a consequente criação de novos fenômenos culturais, esses sim, compreendidos como transculturações.

No Brasil a *egiptologia* tomou corpo a partir do reinado de D. Pedro I, com a formação de um magnífico acervo de peças egípcias que se encontram atualmente no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

A *egiptomania*, segundo Jean Marcel Humbert (1984), é bem mais do que uma simples mania, pois essa apropriação de traços da cultura do antigo Egito atribui-lhes novos significados: esses elementos decorativos são trazidos novamente à vida por usos que se lhes acrescentam sentidos e significação. Ora, visto por esse prisma, o fenômeno conquista uma dimensão histórica, adquirindo o estatuto de manifestação cultural, *da e na sociedade*.

Assim, ao se analisarem os achados de práticas de *egiptomania*, devem-se considerar bem mais do que as origens da apropriação, pois ao conferir vida a esses objetos, é uma prática que os acresce de sentidos.

⁴ HUMBERT, J. M. (Org.). *L'égypomanie à l'épreuve de l'archéologie*. Paris: Musée du Louvre, 1996.

⁵ BOLANOS, A. Alejo carpentier: o concerto da transculturação e da identidade. In: BERND, Z.; LOPES, C. *Identidades estéticas compósitas*. Porto Alegre, Canoas: Centro Universitário La Salle, PPG-Letras UFRGS, 1999, p. 214-238.

Essas práticas de transferências culturais apontam para os conceitos de imaginário social, como enuncia Bronislaw Baczko⁶ e, pela longa duração, exigem o aporte de Edward Said⁷ no que concerne às diversas políticas de dominação territorial, econômica, política e cultural de toda ordem de uma nação sobre outra ou outras:

O oriente que aparece no orientalismo, portanto, é um sistema de representações enquadrado por todo um conjunto de forças que introduziram o Oriente na cultura ocidental, na consciência ocidental e, mais tarde, no império ocidental (SAID, E., 1978, p. 209).

Rastreamento da egiptomania ibero-americana

No Brasil, a rota da *egiptomania* passa por Portugal⁸, devido ao papel desempenhado pela família real portuguesa na introdução de elementos do antigo Egito. Já no primeiro projeto de urbanização do Rio de Janeiro, em 1783, o passeio público foi planejado de forma a configurar um jardim ao gosto aristocrático, em que havia largos espaços destinados às representações das antigas tradições paradisíacas orientais. Além disso, os monarcas D. Pedro I e II são responsáveis pela constituição, no Brasil, da mais importante coleção de peças egípcias da América do Sul, havendo contribuído especialmente pelas matrizes do sistema de ensino por eles introduzido.

⁶ BACZKO, B. Imaginação social. In: *Encyclopédia Einaudi* (Anthropos-Homem). Lisboa: Imprensa Casa Nacional da Moeda, 1986, n. 51986: *a imaginação social, além de fator regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas.*

⁷ SAID, E. *Orientalismo*: o oriente como uma invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1978, p. 209.

⁸ BAKOS, M.M. (Org.). *Egyptomania. O Egito no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

Desde meados do século XVII, os contatos entre oriente e ocidente se multiplicavam, pelos oceanos e o mar Mediterrâneo, e também pelo Vermeilho e Índico. Eles se explicam notadamente pelo impulso das missões ao oriente, pela criação de embaixadas turcas e persas e pelo olhar de grandes companhias de comércio. Com o desenvolvimento da imprensa, as narrações dos testemunhos foram registradas e multiplicadas, chegando à América. Elas incendiavam a imaginação das pessoas que liam ou ouviam as histórias sobre as grandes pirâmides, as esfinges e os obeliscos monumentais!

Nesses circuitos triangulares para oriente e/ou ocidente, os marinheiros traziam, na volta aos lares, o fascínio pelas misteriosas criações egípcias, os hieróglifos ilegíveis até sua decifração, explorados pelo hermetismo e pelo exoterismo.

Em Gibraltar, na Península Ibérica, o turista, atualmente, enxerga, junto à loja de souvenirs, uma pirâmide de pedra, de proporções grandiosas, com placas de bronze, onde há inscrições em dois dos lados do monumento. No primeiro está escrito: *Última loja na Europa começou sua vida como tal magazine n° 56 em 1844*.

Esta pirâmide – que foi, na origem, o ponto principal dos complexos funerários dos reis egípcios – teve sua imagem reutilizada para eternizar um marco de trocas culturais, com troca sentidos de tumba do faraó egípcio a marco dos pontos cardeais e/ou às grandes navegações!

De fato, o contato de Portugal com o antigo Egito iniciou de longa data, face à sua movimentação pela bacia mediterrânea. Assim, nada espanhoso que date ainda do século XVIII o mais antigo obelisco⁹ construído em Portugal (1775), por ordem do Marquês de Pombal (1699-1782). O monumento situa-se na Vila Real de S. Antônio, havendo sido construído em homenagem ao rei D. José I, às expensas do comércio pesqueiro da vila. Ele agradece ao monarca *restaurador das armas, das letras, da agricultura e o reparador da glória e da felicidade pública*.

A pirâmide foi introduzida na arquitetura brasileira em meados do século XVIII, quando o Rio de Janeiro começou a se firmar como principal porto da colônia portuguesa americana e capital do vice-reinado. Diante da

⁹ BAKOS, Margaret Marchiori. O Egito antigo na rota dos navegadores: do começo ao fim do novo mundo. *Phoenix*, Rio de Janeiro, v. 12, 2006, p. 46-86.

expressão assumida pela cidade aos olhos da coroa, foi elaborado um programa de urbanização do Rio de Janeiro, tendo como modelo Lisboa. O projeto, de cunho iluminista, iniciou com a criação de um local de lazer, o passeio público. Nessa ocasião, foi construído o imponente Chafariz da Pirâmide, no Largo do Paço, com a função de prover de água os navios e a população. Ele fundiu, em um só corpo, o reservatório e o chafariz, juntando, ao fazer utilitário, o artístico, característica do pensamento iluminista e também de muitas outras práticas de *egiptomania* europeia. Posteriormente, foram construídas as pirâmides do passeio público, cuja forma triangular era diferente, portanto, do modelo original. Por tais obras, o artista Mestre Valentim é considerado o primeiro paisagista moderno brasileiro.

No placa, do outro lado da pirâmide, lê-se uma sentença de cunho histórico:

Europa aponta a borda do antigo mundo conhecido onde dizem que Hércules dividiu a Europa da África e onde o Atlântico e o Mediterrâneo se encontram. 70.000 navios cruzam o estreito a cada ano.

É fato sabido que, dentre os ícones egípcios mais presentes no mundo ocidental, destacam-se os obeliscos. Este monumento é o mais antigo suporte da memória escrita, ensina Jacques Le Goff¹⁰. Em geral de proporções monumentais, esses monólitos são usados como suportes da memória de episódios, personalidades e marcam fronteiras regionais e/ou nacionais. Já os obeliscos existem às centenas no Brasil¹¹. Nenhum deles é original. Sua presença é uma constante no continente americano, em conformidade com as ambições diferenciadas dos responsáveis pelos projetos e construção desses monumentos. O primeiro obelisco encontrado pela pesquisa no Brasil, aliás, localizado por acaso, terminou por se caracterizar como o mais antigo dentre os 188 depois identificados: é o conhecido Cha-

10 GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1992.

11 BRITO, M. *Penduricalhos da memória: usos e abusos dos obeliscos no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

fariz das Saracuras. Trata-se de um monumento construído em 1748, com vistas a abastecer de água o Convento da Ajuda, de propriedade das freiras Clarissas.

Na Espanha, também há uma preciosa coleção de obras egípcias no Museu do Prado. Neste país, foram localizados inúmeros obeliscos, com ênfase no de Madrid, em memória aos mortos de 2 de maio de 1808, na Guerra de Independência do país. Entretanto, o exemplo de *egiptomania* mais surpreendente encontrado no país foi localizado na rótula de entrada da cidade de Torremolinos, ao sul da Espanha. Trata-se de uma coluna monumental de saudação aos turistas que exibe no sopé quatro esplêndidas esfinges egípcias!

Esses ícones assinalam uma linha de continuidade na *egiptomania*, caracterizando um movimento de longa duração, de caráter transcultural, entre o Egito, a Europa e a América que instiga à busca das genealogias de cada criação, em particular.

É importante informar que, antes do Brasil, a Argentina mostrou interesse pelos artefatos arqueológicos, que hoje constituem a coleção egípcia do Museu Nacional do Rio de Janeiro. O italiano Nicolau Fiengo trazia consigo peças de origens egípcia e greco-romana com destino a Argentina, mas razões políticas o fizeram aportar na capital brasileira, em 24 de julho de 1826¹².

No que concerne à *egiptomania* argentina, ainda se conta com os relatos de Luis Angel Viglione, que nasceu no Uruguai, mas adotou como residência a cidade de Buenos Aires, onde viveu por muitos anos. Viglione foi presidente da *Sociedad Científica Argentina* no período 1885-1886, e, ao contrário da elite intelectual do seu tempo, não se interessou em conhecer a França, mas, sim, o Egito, então desconhecido dos sul-americanos. Desse período é proveniente a coleção egípcia argentina que se constitui de múmias, fragmentos de papiros (que não se sabe ao certo se foi adquirida por Viglione em sua viagem) e *ushabits*¹³.

12 BRAN CAGLION, A. Coleções egípcias no país. In: BAKOS, M.M. (Org.). Op. cit., p. 29-43.

13 RADOVANOVIC, E. *Revista Todo es Historia*. Buenos Aires, Argentina, n. 298, abr. 1992, p. 46 à 55.

Quanto ao maior obelisco da América do Sul, a recuperação de sua história é possível porque foi registrada: a idéia partiu do Intendente de Buenos Aires, Vedra y Mitre, seguindo a sugestão de um amigo. O governante determinou sua construção sem consulta prévia ao Conselho Deliberativo nem ao Congresso da Nação, em comemoração ao IV século de fundação de Buenos Aires¹⁴.

A execução do projeto foi confiada ao arquiteto Alberto Prebisch (1899-1933), que projetou o monumento, de 60 metros de altura e 7 x 7 de base, oco, em cimento armado e revestido em pedra *tavertine* (TARTARINI, 1999, p. 132). Prebisch viveu entre os anos de 1933 e 34 nos Estados Unidos, havendo visitado Washington, onde conheceu o projeto de urbanização da cidade e seu marco, desde 1833 – um magnífico obelisco de 167 m de altura – que pode ser admirado de qualquer lugar da capital norte americana. O monumento havia sido escolhido, entre vários outros propostos, para guardião da memória de George Washington.

Maria Lucia Kern, em seu livro *Arte na Argentina*, informa que Prebisch é considerado um representante do pensamento estético racionalista e científica, confirmado pelas palavras do arquiteto:

Ante las pirámides y el Partenon, el espíritu encuentra las más nobles satisfacciones, que tienen por origen una insuperada espiritualización de las leyes de geometría¹⁵.

Se, de um lado, a construção do obelisco foi ao encontro do projeto de Prebisch, que buscava o cosmopolitismo e a construção de uma nova identidade, de outro, no ambiente profissional, ele criou cisões: havia os que apoiavam a obra de Prebisch, mas a maioria dos arquitetos e engenheiros fazia oposição a ela. Entre os detratores, encontravam-se reconhecidas figuras, como o engenheiro Benito Carrasco, para quem o obelisco pouco ou nada simbolizava:

14 TARTARINI, J. El obelisco. In: PREBISCH, Alberto (Org.). *Una vanguardia con tradición*. Buenos Aires: CEDODAL, 1999.

15 KERN, M.L. *Arte na Argentina*. Porto Alegre, EDIPUC, 1996.

Todo obelisco tiene una significación determinada, dentro de su lugar y punto de significación. [...] El obelisco es la conmemoración de un hecho, de una victoria, de una civilización, de un ideal, de algo, en fin. Qué simboliza? Pues bien, el problema del futuro, y desgraciadamente próximo obelisco es: ¿qué representa? Si algo tiene que simbolizar, qué simboliza? Nada. Absolutamente nada. No tiene valor simbólico, pues está vacío de significación. No tiene representación histórica, puesto que a ningún antecedente patrio esta dedicado. [...] Ahora bien: contemplándolo desde el punto de vista artístico. No tiene tendencia ninguna de arte, pues no es la obra de ningún escultor. Es sencillamente, doloroso y antipático en decirlo, una triste obra de mampostería (TARTARINI, 1999, p. 135).

Já na opinião de outros:

El obelisco del arquitecto Prebisch es una hermosa obra de carácter originalmente simbólico, pues cada uno le dará la significación personal que el monumento despierte. Si hoy no tiene un símbolo en general, lo tendrá en el futuro, simbolizando la ciudad, los habitantes y cada uno de ellos (TARTARINI, 1999, p. 137).

Com o tempo, as querelas foram deixadas de lado e o obelisco da Avenida 9 de Julho foi incorporado à paisagem urbana de Buenos Aires.

Também a esfinge tem histórias de transculturação variadas, compreendendo desde apropriações para crítica política até aquelas que visam a divulgação e propaganda comerciais. É, no mínimo, irônico que a mais antiga prática de *egiptomania* registrada na história da charge brasileira tenha um cunho político, aludindo criticamente às viagens do imperador D. Pedro II ao exterior. O rei filósofo estava, na ocasião, 1871, regressando de sua primeira visita ao Egito, onde se dedicou com afinco à *egiptologia*. Na referida gravura, D. Pedro é representado pela cabeça de uma esfinge, portando um singular adorno na cabeça, um nemes de tecido listrado, usado apenas pelos reis do Egito. O adorno é normalmente encimado por um sagrado Uraeus, imagem em forma de cobra. Na caricatura, o artista substituiu o símbolo da realeza egípcia pelo emblema da coroa brasileira. E, no toucado, há ainda as inscrições das três questões que, no Brasil, precisavam ser

resolvidas: a política, a econômica e a religiosa. Ao pé da esfinge, o artista desenhou pessoas com os braços levantados, fitando o governante como a exigir uma atitude sua.

Mas existiriam outras práticas de *egiptomania* na Península Ibérica?

A resposta afirmativa foi dada no percurso pelas ruas de Lisboa, desde o momento em que, abertos os olhos à *egiptomania*, começa-se a percebê-las. Uma das mais impressionantes *aparições* foi a imagem de imponente estátua do concreto do falcão egípcio, Hórus, deus principal de Heliópolis, a cidade do sol, denominação dada pelos gregos a Iunu, antiga povoação egípcia.

Com cerca de dois metros da altura, no jardim frontal da Fundação Calouste Gulbenkian, em área nobre da cidade, essa imagem egípcia, que foi construída à imitação da escultura existente no Templo de Edfu, no Egito, é interessante pelo seu caráter compósito: sentada junto ao deus mitológico está a escultura de Calouste Sarkis Gulbenkian. Esse milionário armênio, naturalizado britânico, deixou, em testamento, datado de 18 de junho de 1953, significativa parte de sua fortuna pessoal à criação de uma instituição particular de utilidade pública geral, com sede em Lisboa. A doação perpétua e dotada de personalidade jurídica foi um agradecimento à acolhida que Gulbenkian recebeu na velhice, em Portugal.

A partir da descoberta do significado do obelisco portenho, foram identificadas pela pesquisa outras práticas de *egiptomania* na Argentina, tais como:

- (a) o uso da imagem do obelisco portenho em *Guia da cidade de Buenos Aires*, que exibia na capa um casal dançando tango, tendo como pano de fundo a imagem do gigantesco obelisco da Avenida 9 de Julho;
- (b) o uso da imagem do obelisco portenho em ímãs de geladeira e outros objetos de decoração, colocados à venda nas lojas de *souvenirs* de Buenos Aires;
- (c) prédios de abrigo de animais no zôo da cidade, erigidos em 1892, com os clássicos ícones da *egiptomania*;
- (d) sepulturas no cemitério da Recoleta;
- (e) loja de artigos de couro, situada na rua Florida, uma das dez mais importantes ruas do mundo, tendo como nome *Sobek*, denominação do deus crocodilo do Egito antigo;



IMAGEM 2 - Fundação Calouste Gulbenkian

- (f) esfinges no Parque de Palermo, no zoológico de Buenos Aires e na entrada de um shopping-center da Recoleta;
- (g) elementos da sofisticada escrita hieroglífica na fachada e na decoração interna de requintada casa noturna da Recoleta, misturados a cenas do Indiana Jones;
- (h) lojas, com nomes de deuses, símbolos e objetos do antigo Egito em Calafate e no Ushuaia. Nessa última, um obelisco eterniza a primeira vez em que foi hasteada a bandeira argentina na *terra do fim do mundo*, em 1884. Esse achado é valorizado no título desta comunicação pelo enorme circuito marítimo percorrido por esse monólito, das terras nilóticas às geleiras do sul da América do Sul, principalmente, pelas “asas” da imaginação humana até a atualidade.

Nessa rota rumo à *egiptomania* sul-americana, contou-se com a participação de colegas e amigos, como atesta a carta, enviada para uma das autoras, que segue:

... hoje, [...] nos lembramos de ti, e resolvemos dar uma contribuição com a *egiptomania* na América Latina. Aí vai trecho do texto “Viagem à América do Sul”, de H. M. Brackenridge, datado de 1820, que descreve o cenário da Buenos Aires da época. O texto está publicado em *Viageantes e cronistas na região dos gaúchos*. Séc. XIX, pela editora Seiva [...] organizado pelo Prof. Elomar Tambara, editado em Pelotas. Ao centro da praça foi erguida uma pirâmide de bom gosto, comemorativa da Revolução, com quatro figuras emblemáticas, uma em cada canto, representando justiça, ciência, liberdade e América, sendo tudo cercado por uma balaustrada clara [...] Enfim, se hoje tem obelisco, antes tinha pirâmide!!! Abs. Fábio (Vergara Cerqueira) e Chimene. (grifo nosso)

O entusiasmo com tais achados e a receptividade que obtiveram, como se pode ver pela correspondência, despertaram o interesse pela realização da pesquisa sobre a *egiptomania* em outros países sul-americanos, cujos resultados se passam a expor.

O levantamento quantitativo¹⁶ registra que, até o momento, a presença dessas práticas em todos os seis países pesquisados:

16 Resultados apresentados pela acadêmica Ana Paula de A.L. de Jesus à Comissão do CNPq, referente à finalização da bolsa de pesquisa, sob o título *Mapeando Egiptomania na América do Sul*, em agosto de 2007 no Salão de Iniciação Científica da PUC/RS.

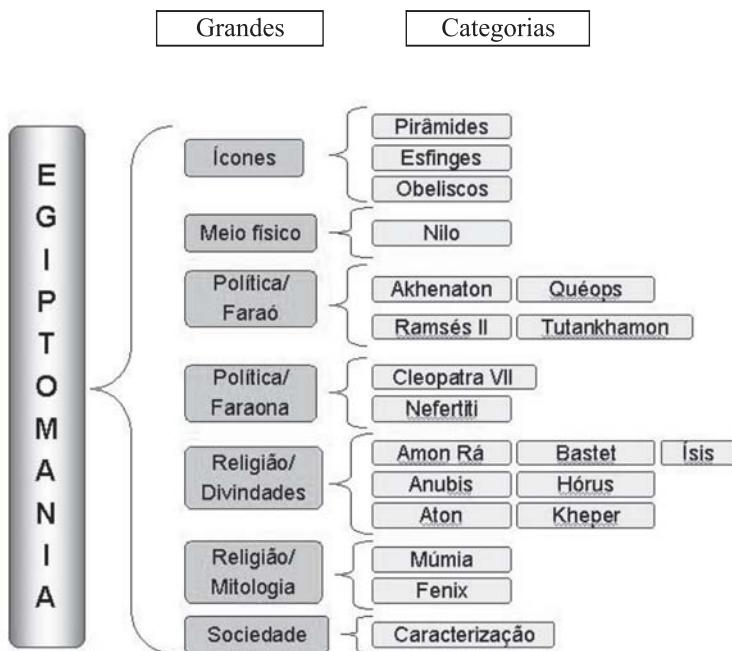
Turismo, jornais *on line*, bibliografia *sites* e *blogs*¹⁷

<i>Egiptomanias</i>	Países Sul-Americanos Pesquisados							
	Argentina	Bolívia	Brasil	Chile	Colômbia	Peru	Uruguai	Venezuela
Esfinges	3	-	7	3	-	-	-	-
Obeliscos (monumentos)	8	-	188	5	5	4	2	2
Obeliscos (outros)	16	1	5	1	2	-	1	-
Pirâmides	3	3	31	4	1	1	-	-
Política / Faraó	2	-	4	2	-	-	-	-
Política / Faraona	8	-	2	-	-	-	-	-
Religião / Divindades	6	-	3	-	-	-	-	-
Religião / Mitologia	2	-	5	4	-	-	-	-
Sociedade / Caracterização	-	1	3	-	-	-	-	-

Os resultados numéricos do levantamento quantitativo podem ser apreciados pela sua inclusão nos grandes grupos de práticas de *egiptomania* mais comuns neste projeto, sistematizados em um banco de dados específico. Como se pode verificar pelo quadro a seguir, a apresentação das *egiptomanias* mais recorrentes estão classificadas por grandes grupos de padrões genéricos de imagem e cada grande grupo possui subdivisões, as categorias. É através dessas categorias que o pesquisador, no uso do banco de dados, pode fazer uma busca mais rápida e pontual, o que agiliza o trabalho, evitando também o manuseio do acervo, e, assim, garantindo sua durabilidade.

17 Este levantamento foi realizado através de consultas bibliográficas pertinentes, bem como consulta a *sites* dos governos, como secretarias de cultura e turismo, e também jornais locais *on line*. Priorizaram-se a validade e o uso de *sites* de procedência confiável para a utilização das informações *on line*. A validação desta nova fonte primária que o século XXI oferece foi possível através das normas estabelecidas pela ABNT.

A imagem que segue permite visualizar melhor os grandes grupos de padrões genéricos de imagem e suas respectivas categorias, até o momento já estruturados no banco de dados da pesquisa¹⁸.



18 CAPRON, H. L. *Introdução à informática*. 8. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2006.

No quadro anterior, aparece discriminada a quantidade de práticas localizadas geograficamente, constante no banco de dados¹⁹, possibilitando um entendimento das categorias que pertencem a cada grande grupo, o que permite verificar, com mais clareza, a natureza das *egiptomanias* mais utilizadas.

O banco de dados possui todos os campos necessários à catalogação do acervo de imagens recolhidas ao longo dos doze anos de desenvolvimento deste projeto.

Estão inicialmente armazenadas no banco cerca de trezentas imagens, mas esses números não são relativos à totalidade da pesquisa, pois, devido à necessidade de muitas imagens serem *escaneadas*, ainda não se pôde concluir a inserção de todas.

A partir das imagens que já constam no banco de dados, foi desenvolvida a primeira pesquisa, tendo como objetivo específico a busca de sistematização e análises de ícones do antigo Egito utilizados para a produção de charges e caricaturas, divulgadas pela imprensa brasileira e/ou pela internet²⁰.

Constatou-se que as charges e caricaturas utilizam com mais freqüência os seguintes elementos egípcios: esfinge e pirâmides, faraós, obeliscos, múmias, sarcófagos, rainha Cleópatra e o rio Nilo.

Tanto a charge quanto a caricatura podem expressar sentimentos e opiniões tanto do produtor, como do público que as observa. Nesse sentido, é oportuno lembrar as palavras de Raquel Funari:

Por que então não aproveitar todo esse apelo dos meios de comunicação de massa, que vêem o Egito como fonte inesgotável de inspiração, para tornar o ensino de história mais próximo – e bem mais atraente – para jovens e crianças? Afinal, quanto mais o aluno compreender que a história não é uma disciplina preocupada com fatos frios, distantes no tempo

19 O banco de dados foi criado por este grupo de pesquisa e apresentado nos Salões de Iniciação Científica da PUC/RS, UFRGS em comunicações no XVI Ciclo de Debates em História Antiga: escritos & imagens na antiguidade, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2006. É importante ressaltar que nenhum país apresentou resultado negativo. O gráfico é referente aos números disponíveis no banco de dados idealizado pela pesquisa e concretizado por um técnico de informática em 2006

20 Ver: <<http://www.anba.com.br/noticia.php?id=15996>>.

e no espaço, e sim uma possibilidade de interagir com o mundo, mais ele sentirá o desejo de conhecer, identificar, comparar, relacionar, problematizar o passado e, também, sua própria realidade²¹.

Um exemplo muito interessante de *egiptomania* com a imagem da esfinge é a charge em que aparecem dois personagens da narrativa bíblica, Dalila e Sansão, que mostra Sansão (com toda sua força) trazendo um presente para sua amada do Egito, que nada mais é do que a grande esfinge de Gize²².



21 FUNARI, R. O Egito na sala de aula. In: BAKOS, Margaret Marchiori (Org.). *Egiptomania: o Egito no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. Selo Paris, p. 147.

22 Palestra proferida pela acadêmica Karine Lima da Costa, intitulada Esfingemania no Brasil: um estudo precursor, no II Encontro Nacional de Estudos Egíptológicos, em Curitiba/PR.

Em Santiago no Chile, um grupo de jovens cidadãos, descontentes com o fato de o país ser governado há mais de 40 anos por múmias, resolveu criar um movimento contra esses governantes, o chamado MAM: Movimento Anti Múmias. Eles alegam que “elección tras elección, período tras período, las mismas Momias de los mismos partidos políticos de siempre, vuelven a ocupar los mismos cargos una y otra vez”. A reportagem ainda traz imagens diversas da figura da múmia, sempre fazendo referência a políticos chilenos. Essa matéria se encontra no *site* da Accion Chilena, a revista do Movimento Socialista Nacional, na seção De Buen Humor, podendo o usuário também fazer parte do Movimento²³.



23 Comunicação apresentada pela acadêmica Karine Lima da Costa à Comissão do CNPq, referente à finalização da bolsa de pesquisa sob o título Egíptomania na América do Sul, em agosto de 2007, na PUC/RS.

Número de charges na América do Sul				
	Brasil	Chile	Argentina	Colômbia
Charges	51	04	02	01

Considerações finais

A investigação em curso registra a presença de práticas de *egiptomania* na América do Sul. Tais práticas se devem ao imaginário coletivo e/ou partem da iniciativa de pessoas isoladas que, em princípio, conhecem as origens históricas dos ícones e as nomenclaturas e, assim, passam a apropiar-se de seus significados, que funcionam como patrimônios da sabedoria da humanidade.

As razões de uma expressiva quantidade das práticas coletadas serem brasileiras deve-se, principalmente, ao pouco tempo de duração da investigação na América do Sul como um todo – apenas seis meses. As *egiptomanias* brasileiras não só vêm sendo buscadas há mais de dez anos, como, obviamente, são mais fáceis de pesquisar pela equipe, muito embora o Brasil tenha proporções continentais. Além disso, é preciso pontuar que, no Brasil, observa-se uma espécie de *onda de egyptomania*, na atualidade.

Uma tarefa importante seria a realização de estudos comparativos entre as diferentes práticas de *egiptomania* nos países do continente americano. Mencionam-se a existência de muitos nichos de pesquisa, dentre os quais, por exemplo, aquele referente ao papel das coleções egípcias, ao ensino nas escolas (FUNARI, R., 2004, p. 145-159) e às sociedades místicas que, de alguma maneira, cultivam entre seus membros a informação sobre os signos do Egito antigo, com destaque à Rosacruz²⁴ (SANTOS, M., 2004, p.

²⁴ SANTOS, M. et al. A ordem Rosacruz e a arquitetura egípcia. In: BAKOS, M. M. (Org.). *Egyptomania: o Egito antigo no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. Selo Paris.

117-133), à Maçonaria²⁵ (SILVA, R., 2004) e, no Brasil, dos séculos XIX e XX, à Igreja da Humanidade.

Vimos que o obelisco de Buenos Aires, mais que simples monumento à memória do IV Centenário da cidade, significa, como todas as outras práticas de *egiptomania*, a fusão de tradições do Egito Antigo, da Península Ibérica e de regiões específicas da América Latina. Poucos valorizam essas passagens culturais presentes no mobiliário urbano das cidades sul-americanas, fundindo os olhares da mais antiga civilização do continente africano com o desejo local de guardar na memória seus próprios feitos.

Finalmente, tanto os achados de *egiptomania* como tais conclusões eram inimagináveis no início desta pesquisa²⁶.

Sobre *egiptomania*, visite: <<http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/>>.

25 SILVA, R. A tradição inventada do Egito faraônico na literatura da maçonaria brasileira. Pesquisa apresentada na X Jornada de Estudos do Oriente antigo. Porto Alegre: PUC/RS, 2004.

26 BAKOS, M.M. Monuments y obeliscos en Sudamérica: guardianes de la historia cultural, intelectual, del arte y de la arquitectura. In: CONGRESO SUDAMERICANO DE HISTÓRIA, 3. 19 a 21 jul. Mérida, Venezuela, 2007.